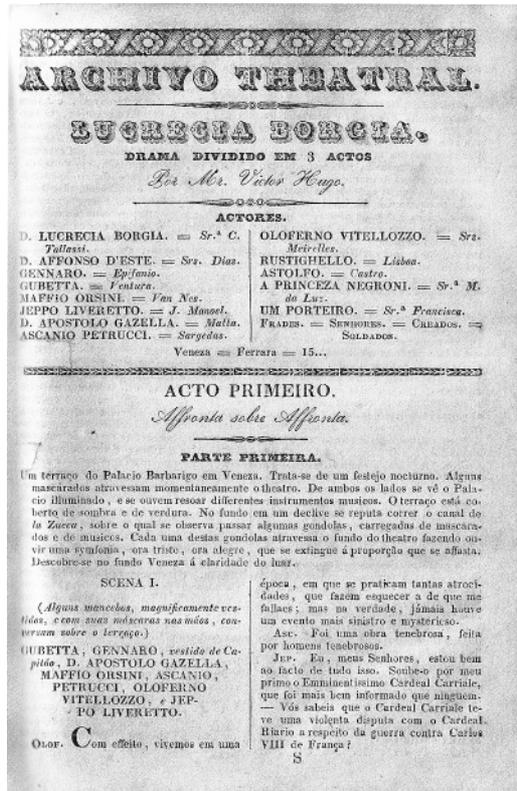


O *Archivo theatral*

Uma coleção de teatro francês

Ana Clara Santos



1 Acerca desta realidade cultural singular já Luiz Francisco Rebello fez referência no número inaugural desta revista: "Jornais e revistas de teatro em Portugal", *Sinais de cena*, n.º 1, 2004, pp. 69-71.

As coleções de teatro estrangeiro constituem, no nosso entender, um fenómeno relevante da realidade cultural oitocentista que a crítica actual não pode menosprezar. Coleções como o *Archivo theatral* ou *Collecção selecta dos mais modernos dramas do teatro francez*, publicada em língua portuguesa entre 1838 e 1845, favoreceram a circulação de peças e autores do repertório teatral parisiense e estabeleceram, por si só, uma ponte entre teatro representado e teatro lido. Numa época em que se toma consciência da situação de decadência da cultura nacional e da necessidade de implementação de reformas profundas a nível das estruturas artísticas e educativas, a dinamização do sector editorial ligado à prática teatral não podia ser esquecido. Ele constituía certamente uma mais-valia para a reforma do teatro nacional e do gosto do público que se pretendia instituir no país, aproximando Portugal, a nível cultural, dos países mais desenvolvidos da Europa. Tal reforma passaria necessariamente pela importação de modelos estrangeiros vigentes nos países vizinhos e determinaria o papel relevante dado à prática da tradução e à figura do tradutor.

O repertório teatral e as coleções de teatro francês Estas premissas lançavam uma nova sensibilidade dramática que colidia com a necessidade da continuação da reforma do teatro nacional desencadeada, como se sabe, pelo próprio Garrett. A todos estes factores acrescem as transformações no campo da edição e da imprensa emanadas da revolução romântica. A tomada de consciência do papel reformador da educação e da difusão de ideias, sinónimo de civilização, conduz, por um lado, à circulação de revistas e jornais favorecendo a circulação das novas ideias que tinham como epicentro a cidade de Paris e, por outro, à criação e multiplicação de revistas de teatro com correspondentes no estrangeiro¹. O predomínio da presença francesa no campo cultural português acentua-se com o desenvolvimento da indústria livreira que acolhe no solo nacional a implantação de livrarias francesas (Chardron, Bertrand, Rolland, entre outras) e a difusão de várias coleções empenhadas em dar a conhecer peças da dramaturgia francesa como é o caso da coleção do *Archivo theatral*. O ano de 1838, ano em que se sai o primeiro número da coleção, não constitui, no entanto,

Ana Clara Santos é professora na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, investigadora do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, especialista do teatro francês do séc. XVII e da sua recepção em Portugal. É co-autora (com Ana Isabel Vasconcelos) do livro *Reportório teatral na Lisboa oitocentista (1835-1846)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

o primeiro marco na história da tradução teatral portuguesa sob a hegemonia francesa. Com efeito, a iniciativa não é inédita, uma vez que as últimas décadas do século anterior tinham já lançado o mote, em nome dos princípios provindos de Aristóteles e de Cícero, da moral e da correção dos costumes, graças à circulação do *Theatro estrangeiro* e da *Coleção de tragédias traduzidas do francês*, numa missão edificante que tinha a pretensão de colocar Portugal ao nível das nações mais cultas da Europa².

Mas se a iniciativa não é inédita, ela constitui, no entanto, uma experiência cultural singular no nosso país com grandes repercussões no campo teatral oitocentista. Durante cerca de 2 anos e 4 meses, a sociedade lisboeta acorria ao agora apelidado *Theatro Francez* para assistir, em língua francesa, às representações das peças do repertório de uma companhia vinda de Paris, deixando-se seduzir, sobretudo, pela novidade do drama romântico, do melodrama e do *vaudeville* importado dos palcos dos teatros de *boulevard*. Nestas condições, era legítimo que se preservasse, no mundo editorial, aquilo que tinha sido o impulso dado no mundo do espectáculo³. Poucos meses após a saída definitiva da companhia francesa de Portugal, a "sociedade para a publicação de bons dramas", criada para o efeito, edita as traduções das peças que tinham sido, na sua grande maioria, representadas em língua francesa e em língua portuguesa nos palcos do teatros da Rua dos Condes e do Salitre. Trata-se de um vasto projecto editorial contido numa publicação periódica que consegue manter a regularidade de lançamento de uma tradução por mês, sendo que, normalmente, nos meses de Verão (Junho, Julho), Outono e Inverno (Outubro, Novembro, Dezembro) se publicavam números duplos que continham duas peças. Durante o espaço de oito anos (1838-1845), a editora dá à estampa mais de uma centena de peças traduzidas⁴.

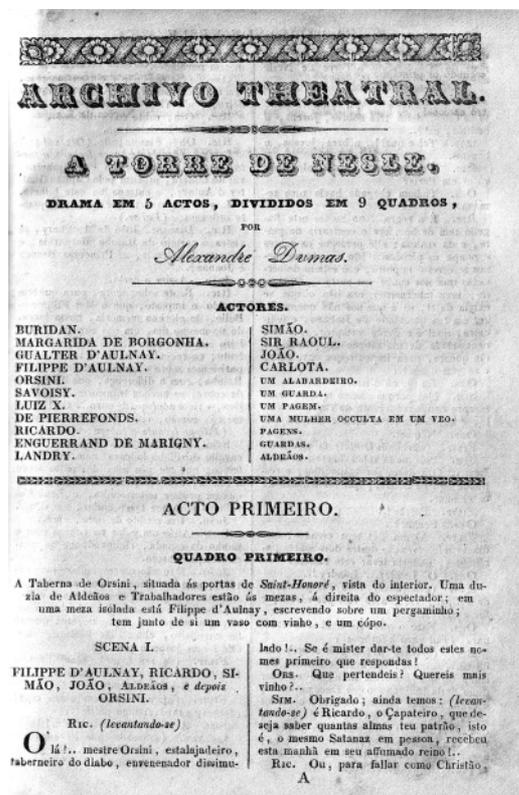
O tomo 1, lançado em 1838, revela uma das prioridades do editor, ou seja, a divulgação do repertório romântico francês através da tradução de peças representativas da dramaturgia de Alexandre Dumas e de Victor Hugo.

A publicação da *Torre de Nesle*, no mês de Janeiro, lança o mote. A escolha não é portanto fortuita porque, para além da vocação estética e dramática evidentes, o primeiro número deveria constituir uma viragem relativamente à tradição. À tragédia substitui-se o drama novo. Ao velho repertório do Salitre, impõe-se um dos maiores êxitos do novo repertório do Condes. Assim, durante os primeiros tempos de publicação, editam-se os dramas de Alexandre Dumas (*A Torre de Nesle*, *Ricardo Darlington*, *Catarina Howard*) e de Victor Hugo (*Lucrécia Borgia*) anteriormente traduzidos para a companhia portuguesa do Teatro da Rua dos Condes pelo Conde de Farrobo, João Baptista Ferreira e Luís José Baiardo. Ao lado dos dramas românticos, dá-se prioridade, posteriormente, aos grandes sucessos de palco do teatro de *boulevard* do Teatro da Porte de Saint-Martin, do teatro das *variétés* e

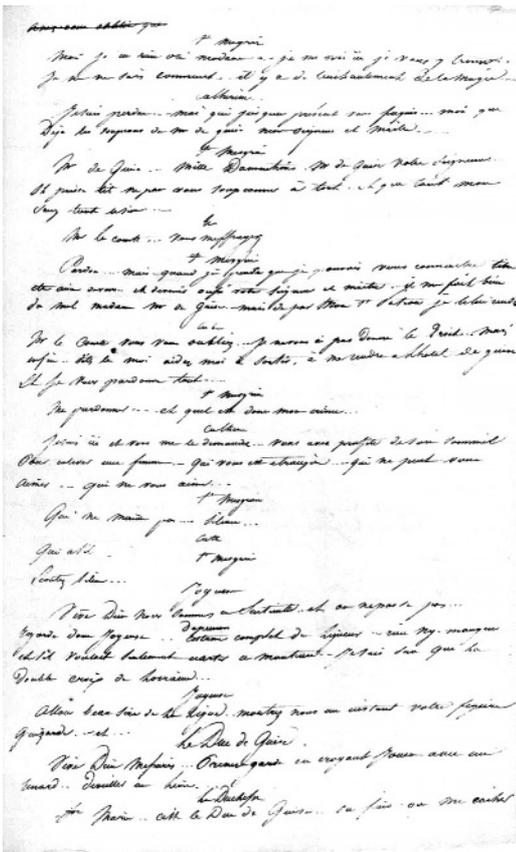
² Com efeito, pode ler-se o seguinte, na nota de abertura do primeiro tomo do *Theatro estrangeiro* dedicado à tradução do *Cid* de Corneille: "As Nações mais cultas da Europa, as mais católicas consentiram sempre que corresse as Peças Cómicas e Trágicas, porque são estes géneros de escritos capazes de refrear as desordenadas paixões dos homens [...] E com efeito tendo na minha ideia, há muito tempo, estes documentos, mandei traduzir as melhores peças trágicas e cómicas dos mais afamados Autores Franceses e Italianos com o título *Teatro Estrangeiro*, para esta nação ter com que o Povo se entretinha em coisa de que possa tirar utilidade, imitando as Nações cultas da Europa, que todas têm Coleções de Escritos teatrais".

³ Os dois volumes do *Repertório teatral na Lisboa oitocentista* (Santos / Vasconcelos 2007, 2011) dão conta não só da actividade efervescente desta companhia teatral francesa, mas sobretudo do impacto do repertório por ela representado — posteriormente traduzido em língua portuguesa — sobre as companhias teatrais nacionais.

⁴ É de salientar que várias peças desta coleção continuaram a ser reeditadas por outras editoras ao longo da segunda metade do século.



do teatro do *Gymnase Dramatique*, anteriormente levados à cena no Teatro da Rua dos Condes e no Teatro do Salitre. Para tal, multiplicam-se as traduções de autores consagrados na cena parisiense da actualidade como Scribe (*O urso e o pachá*, *Um erro*, *O barão de Trenck*, *Estela ou o pai e a filha*, *O copo de água*, *Bertrand e Raton ou a arte de conspirar*), Mélesville (*Os desafios*, *A câmara*



ardente, ou a marquesa de Brinvilliers, Miguel Perrin), Halévy (*O cabrito montês, ou o rendeiro inglês, O duelo no 3º andar, Os sete infantes de Lara*), Ducange (*Trinta anos, ou a vida de um jogador, Há 16 anos, ou os incendiários, Lisbeth ou a filha do lavrador*), Pixérécourt (*Latude ou trinta e cinco anos de cativo, Polder ou o carrasco de Amsterdão, O peregrino branco, ou os meninos da aldeia*),

Bayard (*O gaiato de Lisboa*), Delavigne (*D. João de Áustria*), Duvert, Lauzanne (*Prospero e Vicente*) e Bouchardy (*O sineiro de S. Paulo*).

Os anos 40, por sua vez, instauram três grandes linhas editoriais. A primeira consiste em fortificar o gosto pela dramaturgia de Alexandre Dumas com a tradução de *D. João de Marañã, ou a queda de um anjo, O capitão Paulo e Halifax*. A esta estratégia acresce a vontade de retomar os grandes sucessos de plateia dos anos 30 alcançados pela companhia francesa de Émile Doux, principalmente com as traduções de *A família de Moranval* (Lafont), *A duquesa de La Vaubalière* (Rougemont, Simonnin), *O aldeão pervertido, ou 15 anos de Paris* (Théaulon), *O pobre Jacques* (Cogniard), *Um duelo no tempo do cardeal de Richelieu* (Lockroy, Badon), *O meu amigo Grandet* (Ancelet, Camberousse), *O homem pardo* (Daubigny, Pujol).

Finalmente, era imperioso acompanhar o movimento da cena parisiense da altura e dar a conhecer ao público lisboeta o repertório de teatros tão importantes como o teatro da Gaîté, o teatro da Porte de Saint-Martin e o teatro do Odéon, através de traduções como *O último dia de Veneza* (Pujol, Fouché), *O terramoto das Antilhas* (Denney), *O pacto de fome* (Foucher), *Magdalena* (Bourgeois, Albert), *O tribuno de Palermo* (Latour Saint-Ybars).

É notório este empreendimento por parte desta sociedade em colaboração com a Tipografia Carvalhense, símbolo de uma vontade manifesta de atingir, através da publicação de uma colecção teatral, um público mais vasto, funcionando a tradução como veículo de edificação da cena nacional graças ao recurso à importação do modelo estrangeiro.

Tradução vs criação nacional

Numerosas foram as vozes que se fizeram eco desta perda de identidade face à invasão da tradução que limitava, no entender de alguns, a criação original em língua portuguesa⁵. A luta travada na imprensa da época que

<
Alexandre Dumas:
caricatura por Alfred de
Musset (cc. 1850),
Bibliothèque Nationale de
France / Arts du Spectacle.

Manuscrito autógrafo de
Alexandre Dumas,
Bibliothèque de l'Institut
de France / Comédie
Française, Fev. 1829.

<
⁵ "As mãos cheias estão por ai derramadas maldições, os anjos de asas brancas, os rochedos em brasa, os demónios, toda a mais ferramenta dramática usada hoje no teatro, e que não sabemos de onde veio, pois que, sendo evidente que os nossos escritores principiantes buscam imitar os grandes dramaturgos franceses, é certo que raramente acharão lá essa linguagem oca e falsa, que só pode servir para disfarçar a falta de afectos e pensamentos; Victor Hugo e Dumas não precisam, nem usam de tais meios, e para citarmos da casa, já que cá temos exemplo, que esses noveles vejam se nos dramas do nosso primeiro escritor dramático, se no *Auto de Gil Vicente* ou no *Alfageme* há essa linguagem de cortiça e europel, há essas expressões turgidas e desconuais, que fazem arrepiar o senso comum, e que ofendem a verdade e a natureza" (Braga 1892: 93-94).

>
 Retrato de René-Charles
 Guilbert de Pixérécourt,
 óleo sobre tela, sec. XIX,
 Nancy, Musée Historique
 Lorrain.



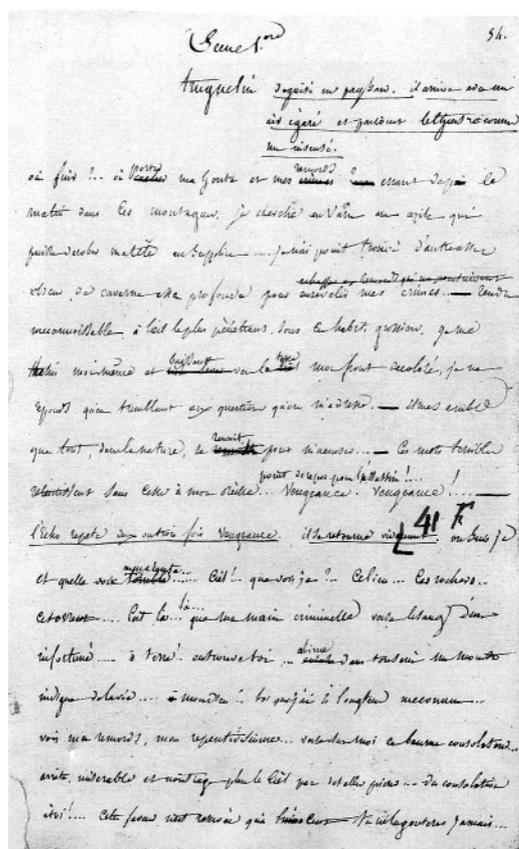
>
 Manuscrito autógrafo de
 René-Charles Guilbert de
 Pixérécourt, Nancy, Musée
 Historique Lorrain /
 Théâtre de l'Ambigu-
 comique, 1800.

opôs, a partir de 28 de Junho de 1838, o jornal *O Desenjoativo theatral*, partidário do teatro do Salitre e da criação dramaturgica nacional, ao jornal *Athalaia nacional dos theatros*, defensor do modelo teatral francês e de "Emile Doux que levantou o teatro do pó em que jazia"⁶ é disso exemplo. Mas a revolução cultural que autorizava e legitimava, de alguma maneira, a prática da tradução teatral estava em marcha. A presença maciça de traduções do repertório teatral francês ao lado da ínfima produção dramaturgica nacional era notória ao longo de Oitocentos, sobretudo na segunda metade do mesmo, como reconhece Sousa Bastos no seu *Dicionário de teatro português*:

O nosso theatro está cheio de *traduções* de peças de todos os géneros. O theatro francez é principalmente a fonte inexgotavel a que recorrem os nossos *traductores* [...] Muitas peças estrangeiras teem cahido entre nós pelas pessimas *traduções* que d'ellas fazem. Todavia o que é certo, é que o nosso publico é muito menos indulgente para as peças originaes do que para as *traduzidas*. Em cada epocha theatral, termo medio, representam-se nos theatros de Lisboa, vinte peças originaes e não menos de cem *traduções*! (Bastos 1994 [1908]: 147-147).

Este fenómeno cultural não podia deixar indiferentes aqueles que aspiravam à concretização da entrada de Portugal no "coro geral da civilização" e no "movimento artístico e científico da Europa", como afirma Alexandre Herculano:

Estamos em Portugal em uma posição pouco vantajosa para a nossa litteratura: nem tão isolados dos outros, que todos entrados em nós mesmos e nas coisas sejamos originaes á força de nacionalidade, nem tão em contacto com o movimento artistico e científico da Europa, que a tempo e compasso, entremos nas grandes harmonias do côro geral da civilisação, que de toda a parte se alevanta. Ouvimos fallar de longe no que vae pelo mundo, e como tafules da provincia imitamos ás cegas, exageramos quanto é moda na capital, sem vermos primeiro se nos fica bem a moda (Herculano 1875: 67).

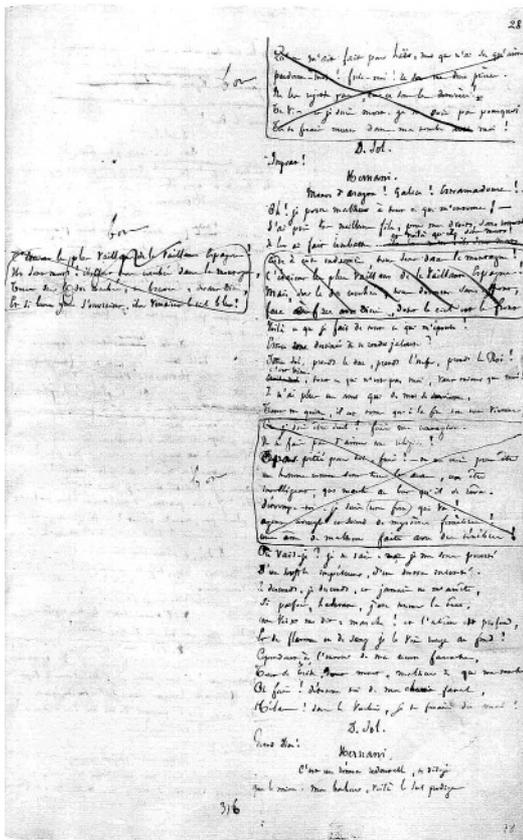


Na mesma perspectiva, esta suposta imitação às cegas do modelo estrangeiro francês contribuía apenas para moldar o gosto do público e impedi-lo de entender os originaes portugueses. A distância era, portanto, cada vez maior entre uma produção teatral nacional enraizada nos modelos tradicionais e uma importação do modelo estrangeiro susceptível de propiciar, na esperança de muitos, a tão desejada viragem do panorama teatral

⁶ *Athalaia nacional do theatros*, 28.6.1838.



<
Victor Hugo: miniatura por Jean Alaux, óleo sobre papel cartonado, oferecido por Victor Hugo a Juliette Drouet, 1834, Paris, Musée Victor Hugo.



Pelo que respeita à tradução destas peças e ao francês macarrónico e língua de preto, que o sr. Herculano notou nellas, pedimos-lhe que se recorde bem, e verá que nem todas merecem a gracinha: algumas ha, principalmente as que foram traduzidas no principio da empresa, que não estão bem apuradas, mas o Theatro ainda não tinha o seu *répertoire* e por isso era necessario trabalhar depressa, porque uma peça não podia ir á scena mais de 3 ou 4 vezes (Ferreira 1838: 22).

Novos desafios para a crítica

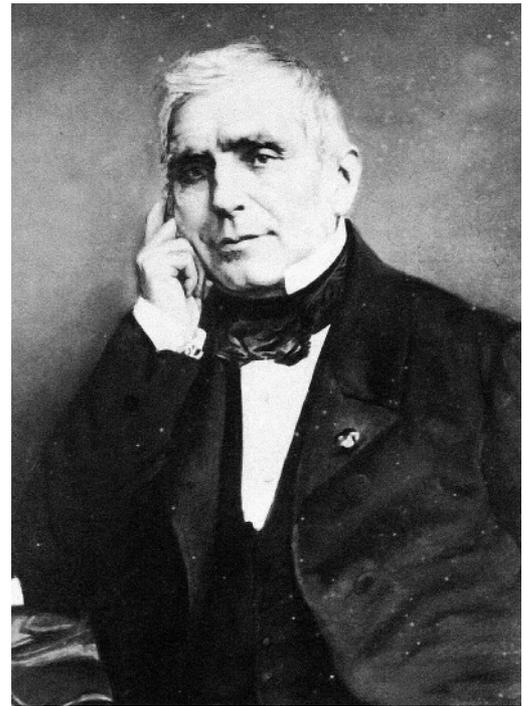
Foi, como sabemos, o contacto mantido com a cultura europeia por parte da intelectualidade lusa oitocentista que abriu definitivamente as portas do teatro português à importação de uma cultura estrangeira, maioritariamente de origem francesa. Tal facto conduz, porém, certos autores, nomeadamente o próprio Garrett, a clamarem a condenação da tradução, essa "estocada de morte que nos jogaram os estrangeiros" (Garrett 1984: 38), que conduziu os palcos portugueses a legitimarem as "migalhas que mendigamos a estrangeiros pelo triste meio das traduções" (*Ibidem*: 19). No entanto, não restam dúvidas de que a tradução moldou a paisagem cultural e artística portuguesa. Não restam dúvidas de que Portugal, à imagem de outros países da Europa, não escapa, por esta via de importação de modelos estrangeiros, aos ventos renovadores que sopram de Paris em matéria teatral. Na tentativa de renovação do teatro nacional, quer a nível da edição, quer a nível da realização de espectáculos, à tradução é dado um papel de relevo acentuando a sua função e atenuando a distinção entre texto traduzido e texto original num processo de legitimação e institucionalização da obra traduzida⁷. A tradução da dramaturgia francesa, aliada ao crescente impulso no mundo da edição, serve, assim, projectos conjuntos de divulgação ao serviço de uma escola ou de uma estética teatral ou simplesmente de solidificação de uma prática inicialmente promovida nos palcos.

Em 1875, podia ler-se numa revista teatral portuguesa:

<
Manuscrito autógrafo, Comédie Française / Comédie Française, 25 de Fevereiro de 1830.

⁷ É preciso notar que era prática corrente da época omitir o nome do tradutor e, no caso da coleção do *Archivo theatral*, se no início se indicava o nome do autor francês, rapidamente essa prática desaparece constando apenas da publicação o título da tradução.

>
Eugène Scribe, fotografia
Nadar, cc. 1855-1860,
Bibliothèque Nationale de
France / Estampes.



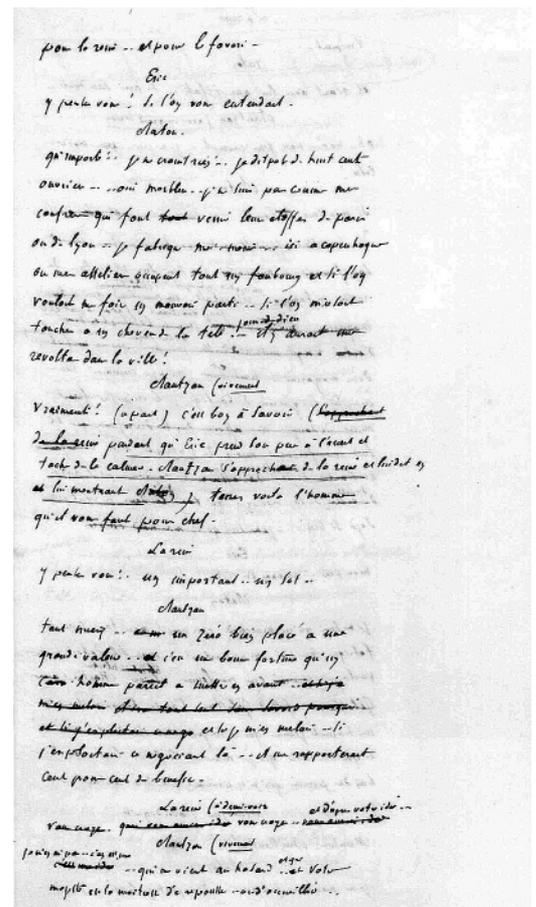
>
Manuscrito autógrafo de
Eugène Scribe, 1833,
Bibliothèque Nationale de
France / Arts du Spectacle,
Collection Rondel /
Comédie Française, 14 de
Novembro de 1833.

Hoje, como antes, o nosso theatro sustenta-se apenas de traduções e imitações do francez, d'isto lhe vem o seu viver ephemero, sem interesse para o presente, sem gloria para o futuro, sem rasto na historia da nossa litteratura. (*Herculano*, 1875: 67).

Ao canonizar o estudo das dramaturgias dominantes, a História do Teatro pôs à margem do seu campo de estudo, durante décadas, uma série de fenômenos culturais e artísticos periféricos intimamente ligados à prática da tradução. Não terá chegado o momento de encarar estes textos de forma diferente e de ter em conta a sua proliferação para a reapreciação do teatro português e do seu estudo para um melhor entendimento da dramaturgia e do gosto do público?

Referências bibliográficas

- Archivo theatral* ou *Colleção selecta dos mais modernos dramas do Teatro Francez* (1838-1845), Lisboa, Typ. Carvalhense.
- Athalaia nacional dos theatros*, 1838 (n.º 1, 28 de Junho).
- BASTOS, Sousa (1994), *Dicionário de teatro português* [1908], Coimbra, Minerva (edição facsimilada).
- BRAGA, Teófilo (1872), *História do teatro português*, vol. 3, Porto, Imprensa Portuguesa.
- (1892), *As modernas ideias na literatura portuguesa*, Porto, Livraria Internacional Ernesto Chadron.
- CASTILHO, António Feliciano de, *Teatro de Molière*. Primeira tentativa. *Tartufo*, comédia vertida livremente e accomodada ao portuguez, seguida de um Parecer pelo ill.^{mo} ex.^{mo} Sr. José da Silva Mendes Leal, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1870.
- Desenjoativo theatral, jornal recreativo e moral* (0), 1838.
- FERREIRA, João Baptista (1838), "Motim theatral", *Atalaia nacional dos theatros*, n.º 6, pp. 21-22.
- GARRETT, Almeida (1984), *Obras completas*, vol.4, Lisboa, Círculo de Leitores.
- HERCULANO, Alexandre (1875), *Plataea, folha quinzenal, primeiro ano*.
- REBELLO, Luiz Francisco (2004), "Jornais e revistas de teatro em Portugal", *Sinais de cena*, n.º 1, pp. 69-71.



- SANTOS, Ana Clara / VASCONCELOS, Ana Isabel (2007), *Repertório teatral na Lisboa oitocentista (1835-1846)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (2011), *Repertório teatral na Lisboa oitocentista (1846-1852)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Theatro estrangeiro* (1787-1805), Lisboa, Rolland.



OFICINAS

(A) MOSTRA

TEATRO

ODISSEIA

COLÓQUIO MÚSICA

DIA MUNDIAL DO TEATRO

PORTOS

TEATRO DO MUNDO

Imagem David Rumsey Map Collection, www.davidrumsey.com, design Joana Monteiro



Presidente honorário	Luiz Francisco Rebelo
Direcção	Maria Helena Seródio João Carneiro Rui Pina Coelho
Assembleia Geral	Alexandra Moreira da Silva Sebastiana Fadda
Conselho Fiscal	Ana Isabel Vasconcelos Mónica Guerreiro Constança Carvalho Homem
ESTATUTOS	Capítulo Primeiro (Da Associação e dos seus fins) Art.º 2.º A Associação tem por objectivo: Dignificar, estruturar e responsabilizar a actividade crítica relativa à teoria e prática do teatro, entendendo-se por actividade crítica não só a crítica de espectáculos, mas também tudo aquilo que diga respeito à informação, reflexão e teorização no campo das artes performativas.

Colaboração com *Sinais de cena*

A revista está aberta à participação de quem deseje colaborar enviando artigos que julgue corresponderem aos objectivos da publicação e às modalidades enunciadas pelas rubricas existentes. A consulta do sítio da APCT na Internet (www.apcteatro.org) e o contacto por correio electrónico (estudos.teatro@fl.ul.pt) são indispensáveis para conhecer as normas de apresentação dos artigos (dimensão, aspecto gráfico, citações, referências bibliográficas, ilustrações, etc.).

ASSINATURA

Desejo subscrever os números **16** e **17** da revista *Sinais de cena* (correspondentes a Dezembro de 2011 e Junho de 2012), no valor total de 22,00 € beneficiando assim de um desconto sobre o preço de venda ao público.
Fora do país: Europa 24,00 € / Fora da Europa 26,00 €.

Nome:

Morada:

Código postal:

País:

Endereço electrónico:

Forma de pagamento:

Vale postal

Cheque nº.

Banco

(passar à ordem de Associação Portuguesa de Críticos de Teatro)

Preencha e envie este cupão (ou fotocópia do mesmo) para:

Data:

Sinais de cena

Centro de Estudos de Teatro

Faculdade de Letras de Lisboa: sala 67

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa (Portugal)

Assinatura: